

### **Anselm Kiefer: história, ética e existência.**

Paulo Roberto Monteiro de Araujo\*

**Resumo:** O dialogar de Kiefer com o passado não se restringe à preocupação de elaborar uma interpretação histórica das épocas passadas, mas de elaborar imagens em sua obra, que expressem o caminho sócio-cultural da sociedade alemã. O objetivo do presente texto é analisar a linguagem artística de Kiefer sobre o prisma ético-existencial.

**Palavras chave:** História, interpretação, caminho, cultura, imagem, ética.

**Abstract:** The purpose that paper is show Kiefer's artwork as a hermeneutic about German cultural history.

**Key-words:** History, interpretation, Culture, ethics.

Anselm Kiefer se apresenta como um dos grandes nomes das artes plásticas da Alemanha do século XX. A sua questão como artista está vinculada à história sócio-política da Alemanha, principalmente no que se refere à galeria de nomes que contribuíram para a formação daquele país seja em sua face trágica, seja em sua face cultural-universal. Não é por acaso que em sua gravura em madeira intitulada *Os Caminhos da Sabedoria do Mundo: A Batalha de Hermann* (*Wege der Weltweisheit: Die HermannsSchlacht*), de 1978, Kiefer apresenta uma galeria de rostos que expressam o imaginário da formação da Alemanha. A *Batalha de Hermann* são tanto imagens-reflexões, como imagens-representações como aponta Klaus Honneth (1992, p.53) as quais nos levam as origens culturais contemporâneas da sociedade alemã. Um dos rostos retratado na gravura é a de Kant. O filósofo representa a imagem de sabedoria ligada à razão como princípio de liberdade. Essa face de uma Alemanha racionalmente livre expressa o lado cultura alemã voltada à dimensão universal do humano. Por outro lado, a face trágica da história desse país se concentra nos retratos de Hermann, militar responsável pelo massacre que houve durante a referida batalha, e em Alfred Krupp, vinculado à indústria bélica (1992, p.54). Honneth ao dizer que Kiefer redescobriu a pintura histórica, salienta que o pintor recorre aos meios adequados para tratar das realidades históricas, embora tais meios se apresentem como sendo as próprias imagens, no caso, os retratos que são postos em uma espécie de galeria. Pode-se vislumbrar de modo reflexivo o

---

\* Prof. Dr. Docente do Programa de Doutorado e de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo).

trajeto paradoxal da história alemã. A racionalidade kantiana, assim como todo o universo artístico-cultural se perde aparentemente para dar lugar ao terrível da guerra. A racionalidade filosófica e as artes não conseguem dar vazão a construção de uma consciência sócio-cultural cujo arcabouço seria a liberdade humana.

Diante do fracasso do pensamento filosófico e das artes, o que sobra para a história factual do país é o tenebroso das duas guerras mundiais. Kiefer “mantém viva a memória da morte e da destruição, evocada pela simples referência aos campos de batalha” (1992, p.55). Eis o motivo da galeria de retratos da gravura *Os Caminhos da Sabedoria* trazer à tona a memória da morte e da destruição, apesar da não referência direta aos campos de batalha. A morte se vincula às figuras históricas retratadas como Hermann ou ao próprio Krupp, cujas responsabilidades pela destruição e pelo massacre incidem na construção contemporânea da Alemanha.

Outra curiosidade apresentada na gravura citada acima são os fios amarrados sobre os retratos formando uma espécie de embrulho, em que se misturam as diversas faces da história alemã. Honneth se refere a esses fios como um emaranhado de linhas que se parecem com uma teia de aranha (1992, p.54). Ao fazer esse emaranhado de linhas ou fios, Kiefer, a nosso ver, procura desenvolver uma forma de hermenêutica das origens do tempo presente da sociedade germânica.

A interpretação de Kiefer da história alemã tem por base o emaranhado das linhas que expressam, mesmo que de modo grotesco, a identidade daquela sociedade. A estética neo-expressionista de Kiefer está voltada para um modo de compreender a interioridade daquilo que se configura, no contexto histórico-social, ser alemão. Não se trata de denunciar os horrores cometidos pelo nazismo ou algo do gênero, mas sim de captar as indigências da existência daquela sociedade, que deu ao mundo formas culturais universais, principalmente a partir do século XVIII. É nesse aspecto da indigência que podemos fazer uma relação entre Kiefer e Heidegger, que aliás, Matthew Biro desenvolve tão bem em seu livro *Anselm Kiefer and the Philosophy of Martin Heidegger* (1998).

O filósofo alemão busca dar uma virada em relação à linguagem metafísica fundada tanto em uma razão procedimental como em uma intencionalidade de dominar os entes. Ao colocar a questão da linguagem na ordem do dia do pensamento ocidental contemporâneo, Heidegger procura criar uma nova linhagem de pensamento que consiga superar a instrumentalidade da linguagem técnica que encobre o Ser. A ajuda da poesia de Hölderlin se torna fundamental para a guinada que Heidegger pretende realizar em relação àquilo que ele denomina de tempo indigente. Daí ele dizer que ao mesmo tempo em que o homem constrói o

mundo, tecnicamente, como objeto, ele encobre o caminho para o ser. O homem, então, fica afastado do seu ser. Deste modo, o homem da idade da técnica está contra o próprio ser. O resultado desse afastamento é, metaforicamente, uma espécie de despedida do ser. A despedida que Heidegger se refere vincula-se à abertura do pensar em relação ao Ser. A indigência da era contemporânea está na linguagem desenvolvida pela técnica que se ocupa em não apreender as determinações da existência humana em suas possibilidades de ser como expressão da dignidade do próprio homem. Como salienta Charles Taylor:

*Heidegger é um dos profetas da instância “do deixar as coisas acontecerem”, um dos grandes críticos da consciência tecnológica moderna, ou seja, dos neodesignistas, que defendem a noção de razão como razão instrumental. (The ethics of authenticity, 246).*

Deste modo, ao não deixar que as coisas se mostrem ou aconteçam a partir do Ser, a Técnica como linguagem instrumental faz com que a nossa contemporaneidade se mostre como o mundo sem casa (the Homeless World), no dizer de David Kolb. O pensamento calculador desenvolvido pela técnica fica à mercê de uma subjetividade vazia. Não é por acaso que Heidegger se coloca contra as formas de subjetividades, cujo cerne está no modelo contemplativo racional das teorias do sujeito. Heidegger se torna, por meio da sua concepção de linguagem, a qual se vincula às teorias expressivistas, radicalmente um antissubjetivista.

É nessa linhagem da retomada do ser de Heidegger que Kiefer constrói a sua estética interpretativa. Kiefer pretende apreender o modo de ser da Alemanha contemporânea, fundada nas contradições entre a racionalidade crítica desenvolvida pela sua alta cultura e a instrumentalidade manipular da técnica. Essas contradições geram a indigência germânica cuja superação só pode ocorrer pela interpretação da história feita pela arte. Assim a galeria de rostos ícones retratados na gravura Os Caminhos da Sabedoria do Mundo expressa o próprio caminho para compreender as contradições da sociedade alemã. Tal compreensão ocorre por meio da temporalidade, que não necessariamente é linear. O tempo, em seu caráter existencial, ganha relevância no interior da obra de Kiefer, pois é ele que possibilita a abertura para se apreender o ser que dá sentido à história da vida alemã. Daí podermos dizer que Kiefer dá ênfase aos processos e ao tempo vinculados a sua cultura tradicional (1998, p.57). Por outro lado, cabe ressaltar que não há na temporalidade-existencial das obras de Kiefer nenhuma espécie de hermenêutica teleológica. Como enfatiza Birô, não há nenhum sentido que com o tempo e com o cuidado se irá chegar como resultado de algo (1998, p.59). O trabalho de Kiefer evoca uma perspectiva hermenêutica que contradiz todas as noções do

senso-comum da influência e da transmissão cultural. Para ele a cultura possui diversas faces, que nos possibilita apreender diferentes perspectivas de significados no seio da dinâmica sócio-cultural. Deste modo, Kiefer provoca um debate em torno da não existência de uma só perspectiva para interpretar a história sócio-cultural alemã. As obras dos anos de 1970 (1998, p.57), principalmente, a citada por nós no presente texto (Os Caminhos da Sabedoria do Mundo) fazem o espectador a ter uma postura interpretativa diante delas. Daí o espectador ter a necessidade compreender, mesmo sem chegar a conclusões finais, os diversos caminhos que a sociedade alemã trilhou em sua história recente. Sem dúvida nenhuma o nazismo ainda acaba sendo um enigma para o espectador que busca nas obras de Kiefer trilhas para vislumbrar o caráter aterrorizador desse período sem cair nos esquemas maniqueístas tão difundidos pelas visões do pensamento mediano. Deste modo, a obra de Kiefer tem como horizonte a ética do olhar sobre os diversos caminhos da história, sem privilegiar somente um deles. Tal ética desenvolvida por Kiefer se expressa em sua hermenêutica como horizonte das diversas perspectivas interpretativas. Daí Kiefer não procura um fim absoluto daquilo que é verdadeiro na dimensão dos fatos ocorridos na dimensão da história sócio-político e cultural.

### **Bibliografia:**

- BIRO, Matthew. Anselm Kiefer and the Philosophy of Martin Heidegger. Cambridge. Cambridge University Press, 1998.
- CELANT, Germano. Anselm Kiefer. Bilboa. Guggenheim Bilboa, 2007
- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis. Ed. Vozes, 2008.
- HONNET, Klaus. Arte Contemporânea. Colônia. Taschen Editora, 1992.
- TAYLOR, Charles. The Ethics of Authenticity. Cambridge. Harvard University Press, 2000.